

REACCIONÁRIOS TÊM APOIO NA ÁFRICA DO SUL

confirma ex-agente do "Special Branch" rodesiano

Forças político-militares, na África do Sul, estão envolvidas no recrutamento de cidadãos moçambicanos que são treinados no exterior para cometerem actos contra-revolucionários na República Popular de Moçambique — eis o que dizem indivíduos capturados pelas Forças de Defesa e Segurança. Nas operações militares em curso, na Província de Manica, as FPLM capturaram diverso material bélico e prisioneiros que comprovam a origem sul-africana do principal apoio militar e logístico dado presentemente aos grupos armados cujo acampamento principal se situava em Sitatonga II.

Em Maio último, as Forças de Defesa e Segurança prenderam um dos elementos do grupo reaccionário que provocou a explosão de uma bomba no café "Scala", em Maputo, há dois anos. Acções deste tipo — conforme relata Luís Sabe Galo — eram planeadas pelos serviços de espionagem e contra-revolução do regime ilegal rodesiano ("Special Branch"), em colaboração com agentes sul-africanos, empregando traidores moçambicanos para a sua execução.



Luís Sabe Galo, agente contra-revolucionário treinado pelos serviços secretos do regime ilegal de Smith, com a colaboração de forças sul-africanas

Luís Sabe Galo, 26 anos, natural da Província de Tete, trabalhou como operador de "telex" do jornal «Notícias», em Maputo, até 1979. Ainda em 1979, no mês de Março abandonou ilegalmente o País:

«Conheci um amigo, estrangeiro que viajava sempre entre a Suazilândia e Moçambique» — disse-nos numa entrevista recente, sobre a sua fuga. Querendo justificar a sua atitude, acrescentou que saltara a fronteira em busca de emprego melhor remunerado,

no país vizinho, segundo as promessas do amigo.

Como aconteceu com muitos jovens que seguiram o mesmo caminho, nem tudo foram rosas na Suazilândia, apesar de o nosso entrevistado ter-se empregado como ajudante de soldador, com o vencimento de 40 rands mensais». Apareceu-me, então, um jovem que conheci no Ferroviário, onde treinámos boxe e atletismo. Vinha da África do Sul num «Mercedes» e

com uma máquina fotográfica para nos tirar fotografias.»

«Que serviço fazia lá na África do Sul, ninguém sabia dizer. Passados algumas semanas voltou a aparecer mais vezes, cada vez com um carro diferente e alguns amigos disseram que ele era dono de uma garagem lá na África do Sul».

Foi assim que surgiu um novo convite, desta vez para um melhor emprego no país do «apartheid», e Luís Sabe Galo conta-nos como

27/7/80

atravessou a fronteira entre a Suazilândia e a África do Sul:

«Quando chegámos à fronteira primeiramente abandonámos o carro e saltámos para o outro lado. O tal amigo, o dos carros, foi ter com um sargento sul-africano, um homem branco e alto, com quem trocou algumas palavras em inglês. Este homem mandou duas pessoas conduzir o carro que nos levava para o lado da África do Sul».

Era ali o fim da aventura. «Mal chegámos lá, meteram-nos na cadeia, onde passámos a noite». «No dia seguinte — prossegue o nosso entrevistado — fomos conduzidos num automóvel até Mildenburg onde encontrámos um coronel sul-africano que nos entrevistou: «Vocês trazem dinheiro moçambicano?» — começou por nos perguntar. «Eu, mais um amigo que ia comigo à procura de emprego na África do Sul não compreendemos a razão de ser daquela pergunta, mas mesmo assim respondemos que não levávamos tal dinheiro».

«Não há problema nenhum», tornou a dizer o coronel. Dali partimos num outro carro e com um sul-africano armado, passando por Pretória, até uma farma. Logo que aí chegámos, distribuíram-nos um fato-macaco a cada um, e disseram que era porque fazia ali muito frio. «No dia seguinte, chegou um coronel de nome Victor, proprietário dessa farma, que nos disse que iríamos trabalhar como pastores para as suas ovelhas e cabritos».

«VAO AJUDAR-NOS A TRABALHAR»

O emprego afinal não era aquilo que os raptos prometeram ao jovem Sabe Galo, mas viu-se obrigado a aceitá-lo, segundo diz, sob a ameaça das armas: «Nós aqui não queremos espiões — dizia o coronel Victor — Vocês devem ajudar a trabalhar». Sabe Galo recorda que foi nessa farma que conheceu, pela primeira vez, um oficial do Special Branch rodesiano que o entrevistou. O inspector Mitschel trazia também nas suas

visitas, bombas, camuflagem, pistolas e latas de sardinha envenenadas cuja origem estava falsificada.

«Material daquele tipo entrava e saía várias vezes naquela farma. Onde vinha e para onde ia ninguém nos queria revelar. «Tratem das ovelhas e não se metam neste assunto — diziam os patrões. Mas nem isto de pastoreio era emprego que justificasse. «Passados dois meses, não tinha recebido ainda nenhum vencimento; apenas com direito ao jantar, ao almoço davam-me uma lata de «corbeaf» para comer. Depois das entrevistas que me fizeram, disseram que eu era do SNASP, e levaram-me para a cadeia em Pretória, e dali para Joanesburgo, onde acabei um mês e quinze dias.»

Entretanto discutia-se o futuro do prisioneiro, entre agentes rodesianos, sul-africanos e alguns traidores moçambicanos, na farma do «coronel» Victor. Por fim, a decisão foi mandá-lo para um campo de treino na Rodésia do Sul. «Vieram buscar-me na cadeia para esse destino. Pelo caminho, fizeram-me diversas ameaças e, finalmente, a uns vinte quilómetros da fronteira entre a África do Sul e o Zimbábwe, parámos numa casa do «Special Branch» sul-africano, onde trocámos de carro».

«Atravessámos a fronteira, em Beit Britge, com o inspector Mitschel... A viagem só terminou em Bindura, onde me apresentaram a um major negro, zimbabweano, chamado Hap. «A partir de hoje — disseram-me — você vai receber treino». Saímos então treze quilómetros de Bindura para o campo de «Retreat Farm», onde fomos entregues a um mercenário chamado Peter Mc Leash, que foi nosso instrutor e responsável daquele campo do «Special Branch» rodesiano.

NO CAMPO DE TREINO DO «SPECIAL BRANCH»

Os treinos que recebemos ali eram de carácter militar — respondeu Sabe Galo a uma pergunta

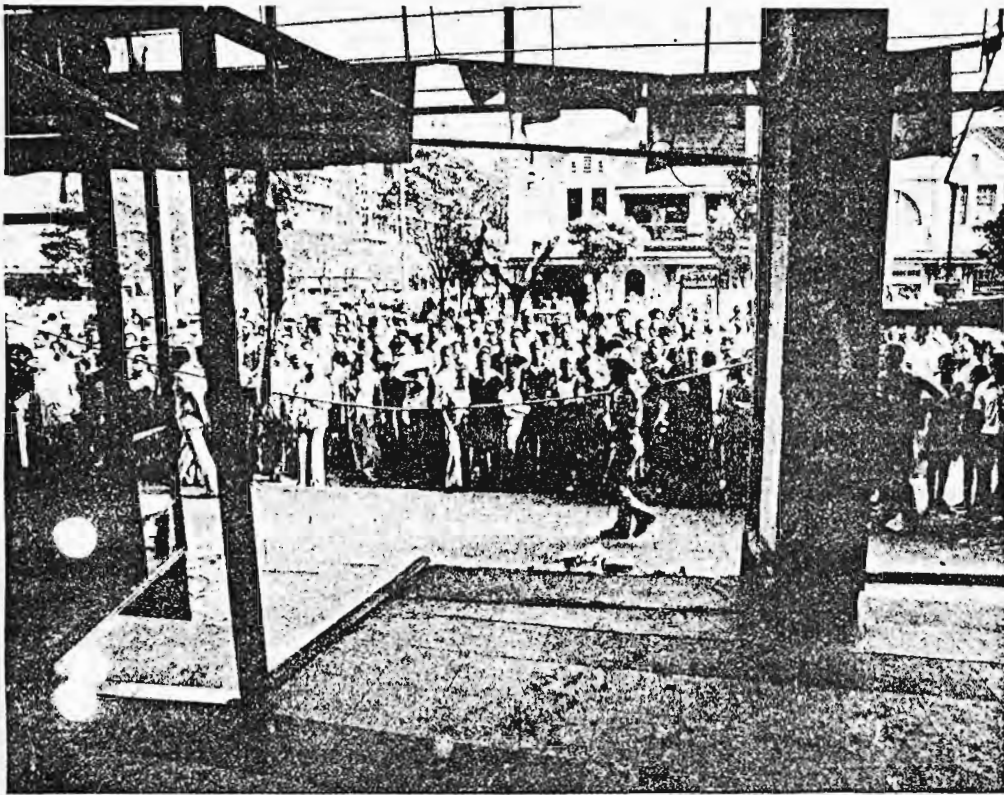
que lhe fizemos. Duraram seis semanas, tendo-se iniciado logo no princípio do mês de Setembro.

«Éramos maltratados, espancados. Os nossos instrutores durante os treinos, tratavam-nos por «pretos» ou «capturados» (ali havia, para além de ex-comandos e alguns jovens moçambicanos raptados, combatentes da Frente Patriótica capturados pelos rodesianos). Quando acabámos, deram-nos três dias de férias e 50 dólares para irmos passear até à vila».

Os elementos treinados nos campos do Special Branch executavam, depois, diversas missões não só contra os combatentes da Frente Patriótica, como outras actividades criminosas nos países vizinhos, conforme nos informa o nosso interlocutor: «Quando regressámos das férias, alguns de nós foram escolhidos para irem ao mato à procura de guerrilheiros da ZANU — Frente Patriótica, outros receberam missões para executarem em Maputo, no Botsswana e na África do Sul — (aqui contra alguns membros suspeitos do ANC sul-africano)».

«Durante as minhas férias, eu aproveitei ir a um curandeiro em Bindura, a quem paguei cinco dólares, que era para não ir ao mato. Mas tal remédio não me serviu porque, por azar, fui logo escolhido para Mutokwe, juntamente com alguns ex-comandos do exército colonial português. O reconhecimento dessa zona tinha sido anteriormente feito pelo senhor McLeash e o seu adjunto mais quatro outros elementos. Nessa zona viviam somente mulheres. Preparámos as nossas armas — metralhadora MG, bazookas, granadas e outras — e lá seguimos».

«Na manhã do dia seguinte, cercámos as casas, mandámos sair as mulheres a quem perguntámos pelos combatentes do Povo, os da Frente Patriótica. Elas disseram que nunca os tinham visto.» E os vossos maridos onde andam? — Em Salisbúria, a trabalhar — responderam. Assim, não encontrando nada voltámos».



Aspectos da pastelaria Scala, momentos após a explosão de uma bomba colocada por agentes contra-revolucionários, em 26 de Julho de 1978. Na foto ao alto tirada de dentro para fora mostra o local onde existia uma montra destruída pelo engenho. Na segunda, parte da multidão que ali manifestou o seu repúdio pelo atentado e se solidarizou com os cerca de meia centena de feridos causados pela explosão

«Particpei noutras operações na zona de Mudzi e Madziwa que nada resultaram. Foi quando regressávamos de uma destas missões que soubemos da assinatura dos acordos de Londres sobre a independência do Zimbabwe.

MISSÕES EM MOÇAMBIQUE

«Apareceu de novo o senhor Mitschel para fazer entrevistas em Retreat Farm e recrutar quatro jovens para virem cumprir uma missão em Maputo. Os quatro, que eram moçambicanos, receberam uma preparação especial. (Deveriam aqui vir reconhecer a casa onde vivia o dirigente da ZANU-FP, Robert Mugabe. (De notar que dois desses agentes foram capturados pelas Forças de Defesa e Segurança, na fronteira da Namaacha, quando acabavam de entrar em Moçambique).

A mim coube uma missão em Chimoio. Disseram que lá havia uma casa do Presidente Robert Mugabe que deveríamos destruir. Além disso, previam que lá se realizasse uma reunião entre o presidente Mugabe e os guerrilheiros da ZANU-FP, antes destes regressarem ao Zimbabwe e nós deveríamos actuar nessa altura. A missão não se cumpriu porque, quando chegámos à fronteira, recuámos de medo. Fomos informar aos chefes que, em Chimoio, havia muitos soldados das FPLM, bem armados, e nós, que éramos apenas cinco, não conseguiríamos entrar na cidade.

«Meteram-nos na cadeia durante uma semana e só saímos quando a ZANU-FP ganhou as eleições. Os agentes do Special Branch que ficavam connosco, assim como os sul-africanos, fugiram para a África do Sul e convidaram-nos a seguir-lhes o exemplo, dizendo: «Robert Mugabe ganhou, mas a guerra ainda não acabou. Por isso vamos para a África do Sul».

Texto de
Arlindo Lopes
Fotos de
Danilo Guimarães
e Arquivo